

XX CONCURSO BDArte

www.easr.pt

O PINTOR E A SOARES DOS REIS

Há muito que a arte seduzia António Cruz (1907-1983). Bem mais do que o curso de Condutor de Máquinas da Escola Infante D. Henrique em que se inscreveu em 1920, por razões familiares. Tema e modelo artísticos já ele tinha: o Porto e arredores e seus detalhes, razão de ser da maioria das suas obras. Em 1928 cumpre o serviço militar e começa a fazer trabalhos publicitários e a ilustrar livros escolares. Expôs nas Termas de Vizela sem sucesso, mas no Casino da Póvoa um turista alemão adquiriu todas as obras expostas. Em 1930 decide fazer da Arte o seu mundo. Sem nada dizer aos pais, matricula-se na Escola de Belas Artes do Porto. Expôs com os grupos Independentes e + Além (deste fizeram parte Augusto Gomes e Dominguez Alvarez), constituídos por alunos da ESBAP. Sem condições económicas para continuar a estudar, concorre a pensionista do Legado Ventura Terra, apresentando atestado de pobreza. Em 1932 recebe o prémio de desenho José Rodrigues Júnior. A família soube pelos jornais. O galardão era honroso e atenuou a críspação.

Em 1933 dedicou-se intensamente ao desenho nos movimentados cafés do Porto. No já desaparecido Vitória, nos Aliados, retratou um cliente especial e assíduo. Recebeu 50 escudos e um cartão de recomendação para o Dr. Alfredo Magalhães, que lhe conseguiria um atelier: na Maternidade Júlio Dinis. Interrompe os estudos por morte do pai (1934) e falta de meios, e fixa-se em Ponte da Barca, onde passa o tempo a pintar. Foi então alvo de um invulgar gesto de solidariedade: setenta e dois alunos da EBAP fizeram um abaixo-assinado à Direção a solicitar apoio para que continuasse a estudar. Em 1935 reiteraram o pedido à Câmara Municipal do Porto, que lhe concedeu uma bolsa.

Segundo Pedro Lapa, a tradição inglesa, nomeadamente a da Euston Road School, é marcante na sua formação. Em especial Víctor Pasmore e o modo como este seu contemporâneo pintou o Tamisa, em Chiswick. Em 1937 foi à boleia para a Grã-Bretanha num cargueiro, e visitou museus e pintou. "É sobretudo a dissolução generalizada da paisagem e o seu sentido abstratizante que torna relevante a produção de António Cruz no quadro da segunda geração modernista."

Regressa e conclui o curso de Pintura, ainda com o apoio da CMP. No Salão Silva Porto realizou-se a sua primeira exposição individual, que em dezembro desse ano de 1939 transitou para a Sociedade Nacional de Belas-Artes, em Lisboa. Participou em muitas, coletivas na sua maioria. Em 1942 frequentou Escultura na EBAP (1.ª medalha no curso), e em 45 o seu trabalho final foi classificado com 18 valores. Em 1964 procurará concluir Escultura, sem chegar a apresentar a obra de tese. Para aperfeiçoar conhecimentos aquarelísticos, conseguiu (1944) bolsa do Instituto de Alta Cultura. Em risco por ter constado que era comunista, rumor desmentido por destacadas figuras. Em 1947 recebe prémios de desenho e de aquarela, e de escultura em 1948.

Casou em 1954, e em 1962 concorre à EBAP. Em 63 é nomeado professor agregado de Desenho, aprovado no concurso público com mérito absoluto. Lecionava na Escola de Artes Decorativas de Soares dos Reis desde 58. Não usava bata nas aulas, nem mesmo nas de modelação. De porte fleumático e rosto austero, era um mestre

de excelência que ensinava a libertar a mente, a ver para além do imediato, com poucas palavras e muitos exemplos de grande impacto decorrentes do seu invulgar talento artístico, relembra o ex-aluno, amigo e jornalista Álvaro Nazareth.

"António Cruz (...) é sem contestação possível o maior aquarelista português dos tempos modernos. Tirou a aquarela da banalidade para que a tinham arrastado Roque Gameiro e os aquarelistas portugueses. Deu-lhe grandeza, ressonância sinfónica; levou-a até atingir o valor de uma alta expressão sintética e afastou-a da superficialidade habitual (...)." Palavras de Abel Salazar. Vasco Graça Moura diz-nos que, para António Cruz, "Pegar numa cidade e restituir-lhe a dimensão de alma corresponde assim a uma longa expectativa, a uma procura de silêncios compassados pela fértil solidão que se povoa de memórias comovidas. A uma fidelidade."

Domina as suas paisagens uma luz que por um lado revela as formas e por outro as esconde. Em grande parte imortalizam o Porto, onde evidenciou invulgar aptidão para consubstanciar, em especial na aquarela, a luminosidade enevoadada e húmida da cidade, e o que de enigmático ela evoca. Ou não fosse ele o Pintor do Porto, como sublinhou José-Augusto França.

Obra e autor protagonizaram O Pintor e a Cidade (1956), de Manoel de Oliveira, que contrapõe a sua visão fílmica à pictórico-poética de António Cruz, cuja paleta era muito própria do burgo portuense. Oliveira escolheu-o pela cor, e dessa parceria resultaram imagens marcantes. O primeiro filme português a cores e o seu primeiro prémio internacional: a Harpa de Prata (1957) do Festival de Cinema de Cork, na Irlanda.

António Cruz participou n' Os Anos 40 na Arte Portuguesa, na Gulbenkian (1982), ano em que a Casa do Infante, no Porto, acolheu uma exposição individual de obras suas. Entre outros eventos póstumos, no âmbito das comemorações do centenário do Pintor (2007) esteve patente no Museu Nacional de Soares dos Reis uma retrospectiva da obra do artista, e em 2015 a Casa-Museu Guerra Junqueiro, no Porto, e a Fundação Calouste Gulbenkian expuseram criações suas.

"De todos os pintores do século XX, (...) foi decerto aquele que melhor soube entender a alma da cidade", considera Bernardo Pinto de Almeida. Em 1983 expôs pela última vez na Galeria Diagonal, em Cascais. Deixou-nos no Porto, a 29 de agosto desse ano. Definiu um dia a morte como "o descanso total", em conversa com Álvaro Nazareth, a quem mais tarde confidenciou na Ordem da Lapa, onde estava internado: "Preciso de me habituar a rir". Enquanto a carvão desenhava o que terá sido o seu último trabalho: a fachada da Igreja da Lapa, "que ficava como que a "posar" para ele, assim que (...) abria a janela (...)." Evidenciou, na "talvez (...) mais difícil técnica da Pintura (...) um poderio e determinação quase inatingíveis. Por certo com emoção, mas essa ele muito raramente a fazia transparecer." Numa entrevista, disse a António Cruz a Álvaro Nazareth: "As minhas emoções estão nas minhas obras".